



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS PIO IX
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA**

MACIEL VIANA DA SILVA

**A INVESTIGAÇÃO SOBRE A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE
DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) NO AMBIENTE ESCOLAR.**

**PIO IX
2023**

MACIEL VIANA DA SILVA

A INVESTIGAÇÃO SOBRE A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado como exigência parcial para obtenção do certificado do Curso de Especialização em Educação Especial e Inclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí Campus Pio-IX.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Antônio Rodrigues.

PIO IX

2023

MACIEL VIANA DA SILVA

A INVESTIGAÇÃO SOBRE A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) NO AMBIENTE ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado como exigência parcial para obtenção do certificado do Curso de Especialização em Educação Especial e Inclusiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí Campus Pio-IX.

Aprovado em: 08/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Miguel Antônio Rodrigues (Orientador)
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Prof. (a) Antonio Marcos Firmino da Silva (Membro avaliador)

Prof. (a) Joaquina Maria Portela Cunha Melo (Membro avaliador)

Prof. (a) Wandson do Nascimento Silva (Membro avaliador)

Maciel Viana da Silva
Matricula: 2022111eeeei0238
Estudante

A INVESTIGAÇÃO SOBRE A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE (TDAH) NO AMBIENTE ESCOLAR.

Maciel Viana da Silva¹
Miguel Antônio Rodrigues²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal Investigar as causas e consequências do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), bem como métodos didáticos capazes de garantir o desenvolvimento educacional e social do aluno, bem como o que fazer para garantir a inclusão desse aluno. O estudo aborda as barreiras enfrentadas pela família e a escola no enfrentamento desse transtorno cada vez mais comum, e que senão tratado pode atrapalhar do desenvolvimento estudantil e principalmente do desenvolvimento socioeducacional do discente. A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica, na qual se constatou que O TDAH pode surgir por meio da hereditariedade, mas também por meio de acontecimentos durante a gestação, ou seja, o desenvolvimento do transtorno está diretamente ligado a junção de fatores externos e internos. Portanto, é nesse cenário que a escola, que durante muito tempo sentiu-se imobilizada e muitas vezes funcionou como ferramenta de segregação, deve buscar por meio de um pensamento inclusivo, elaborar estratégias capazes de transformar os sintomas do TDAH em aliadas no processo de crescimento intelectual da criança. É aí que entra a família, pois o trabalho da escola e da família torna possível o desenvolvimento da criança nas mais diversas áreas, sejam elas educacional, social e cultural. Desse modo, faz-se necessário que as instituições educacionais busquem medidas pedagógicas capazes de envolver todos os membros da comunidade em que a criança está inserida e que os pais busquem ajuda profissional, pois só assim conseguiremos melhorar as relações pessoais cujos desdobramentos possam chegar a uma convivência saudável e inclusiva.

Palavras-chave: TDAH; educação; inclusão.

ABSTRACT

This work provides a dynamic analysis of the causes and consequences of ADHD on child development. The study addresses the barriers faced by families and schools in dealing with this increasingly common disorder, which, if not treated, can hinder student development and especially the student's socio-educational development. The methodology used was bibliographical research, in which it was found that ADHD can arise through heredity, but also through events during pregnancy, that is, the development of the disorder is directly linked to the combination of external and internal factors. Therefore, it is in this scenario that the school, which for a long time felt immobilized and often functioned as a tool of segregation, must seek, through

¹ Graduado em história pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Acadêmico do curso de Especialização em Educação especial e Inclusiva. Instituto Federal do Piauí. E-mail: cielviana029@gmail.com.

² Pós-doutor em Educação/USP. Professor do Instituto Federal do Piauí. E-mail: miguel.rodrigues@ifpi.edu.br

inclusive thinking, to develop strategies capable of transforming the symptoms of ADHD into allies in the growth process. Child's intellectual. This is where the family comes in, as the work of the school and the family makes it possible for the child to develop in the most diverse areas, whether educational, social or cultural. Therefore, it is necessary for educational institutions to seek pedagogical measures capable of involving all members of the community in which the child is inserted and for parents to seek professional help, as this is the only way we will be able to improve personal relationships whose consequences can reach a healthy and inclusive coexistence.

Keywords: ADHD; education; inclusion.

Data de aprovação:

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo originou-se da necessidade de gerar subsídios que ajudem os alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) no processo de inclusão, não só no mundo educacional, bem como no desenvolvimento sociocultural do discente. Partindo dessa máxima, o enfoque do estudo é indicar caminhos para o enfrentamento para o crescimento intelectual e social da criança com (TDAH).

Atualmente os estudos apontam que o TDAH ocorre não só por questões hereditárias, mas também por meio de acontecimentos durante a gestação e, portanto, quanto mais rápido for diagnosticado e iniciado o tratamento médico, menores serão os impactos na vida da criança.

Os primeiros sintomas do TDAH tornam-se mais evidentes logo que a criança é inserida no ambiente escolar, daí a importância de analisar a relevância da escola no desenvolvimento do aluno com TDAH, uma vez que, nesse ambiente é exigido dela o cumprimento de normas e regras, comportamentos que naquele momento ela é incapaz de oferecer. Logo, a escola torna-se uma espécie de auxiliar da família nesse processo formativo do caráter, conhecimento e desenvolvimento do aluno com TDAH.

Por conseguinte, um dos objetivos é Analisar a relevância da união entre escola e família no desenvolvimento do aluno com TDAH, uma vez que, se não tratado na infância esse transtorno pode desencadear problemas que afetarão a vida da criança quando adulta. É nesse cenário que além do tratamento médico, a família e escola devem proporcionar um ambiente amoroso, afetuoso e seguro para que essa criança possa desenvolver não só suas capacidades educacionais, mas também se desenvolva socioculturalmente, tornando-se assim o cidadão de bem esperado pela sociedade da qual faz parte. Como diz um famoso provérbio chinês: “procure me amar quando menos mereço, porque é quando mais preciso”.

Assim, além dessa introdução, o presente trabalho apresenta os procedimentos metodológicos, que traz de maneira detalhada a forma como a pesquisa foi realizada, tipo: Educação inclusiva: o que é?, que traz uma abordagem sobre a educação especial numa perspectiva inclusiva, associada ao suporte legal no âmbito nacional; TDAH: comum ou um avanço da medicina, que aborda de forma sucinta a história do transtorno, bem como suas possíveis causas e consequências no desenvolvimento sociocultural das crianças; A importância da escola e da família no desenvolvimento da criança com TDAH, que reitera a incomensurável importância da união entre essas duas instituições no processo de superação do transtorno, bem como o papel de destaque do professor no processo de identificação precoce do transtorno; Considerações finais, que traz um apanhado dos capítulos mencionados anteriormente, bem como as conclusões obtidas ao final da pesquisa.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método de pesquisa utilizado foi A bibliográfica, tendo a mesma como base publicações feitas entre os anos de 2018 e 2023 e que abordam a problemática da inclusão de crianças com TDAH no ambiente escolar e seu desenvolvimento para além dos muros da escola, de modo a garantir uma vida sem traumas e inclusiva ao

discente, tornando-o assim, ator principal de sua própria história. Para a realização do trabalho foram utilizadas pesquisas encontradas na internet, a partir de uma pesquisa minuciosa sobre inclusão, TDAH e preconceito.

Assim, para atingir os objetivos propostos para esta pesquisa e responder as questões levantadas na introdução deste trabalho, utilizei como fundamento teórico para aprofundamento de estudo os seguintes autores: BARKLEY (2022), BOWLBY (1997), COLLARES (1996), CONNERS (2009), CUNHA (2018), DESSEN (2007), GOMES (2012), BARBATO (2010), RAMOS (2009), dentre outros.

3. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: O QUE É?

Sabemos que o direito à Educação é o ponto de partida para a garantia de muitos outros, pois por meio dele é possível que as pessoas conheçam seus próprios direitos, e assim, lutem pela garantia dos mesmos. Uma das características do cidadão é ter nossos direitos sociais, individuais, e políticos garantidos e principalmente respeitados. No entanto, no mundo atual, muitas pessoas são excluídas em maior ou menor grau da vida cultural, cultural, política, econômica, educacional, familiar.

Os direitos humanos não são estáticos. Por via de regra, são construídos como uma reação a situações de ameaça e opressão. Assim, a liberdade de culto surgiu como resposta à emergência do protestantismo, por meio da Reforma instaurada por Martinho Lutero; a proibição da escravidão surgiu da luta contra as formas desumanas do colonialismo; a proteção de dados tornou-se tema com a moderna tecnologia da informação; a proteção do meio ambiente e a biotecnologia levantaram novas questões acerca de direitos humanos. (PETERKE, 2009, p. 23).

Então, uma coisa é notória, se há necessidade de falar em inclusão, é óbvio que a exclusão ainda existe. E essa exclusão é percebida nas mais diversas áreas de nossa vida. A fim de garantir oportunidades a pessoas com alguma deficiência surgiu a educação inclusiva, que visa garantir o acesso à educação a todos.

No Brasil são consideradas pessoas com necessidades educacionais especiais aqueles que:

Apresentam durante o processo educacional dificuldades acentuadas de aprendizagem que podem ser não vinculadas a uma causa orgânica específica ou relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências, abrangendo dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, bem como altas habilidades/superdotação. (BRASIL, 2005, p. 34).

Sendo assim, podemos definir educação inclusiva como:

O processo que ocorre em escolas de qualquer nível preparadas para propiciar um ensino de qualidade a todos os alunos independentemente de seus atributos pessoais, inteligências, estilos de aprendizagem e necessidades comuns ou especiais. A inclusão escolar é uma forma de inserção em que a escola comum tradicional é modificada para ser capaz de acolher qualquer aluno incondicionalmente e de propiciar-lhe uma educação de qualidade. Na inclusão, as pessoas com deficiência estudam na escola que frequentariam se não fossem deficientes. (SASSAKI, 1998, p. 8).

Educar não é uma tarefa fácil, uma vez que é preciso levar em conta as peculiaridades de cada um dos alunos presentes em sala de aula, promovendo uma mudança no modelo educacional e principalmente à mudança nas ações dos professores.

A educação inclusiva é uma educação democrática, comunitária, pois supõe que o professor saia da sua solidão, arrogância, falso domínio e tenha a coragem de dizer não sei, tenho medo, nojo, vergonha, pena, não respeito, quero aprender ou rever minhas estratégias pedagógicas, pois não consigo ensinar para certos tipos de criança, não sei controlar o tempo, não sei ajudar – não no sentido da co-dependência, mas no sentido da interdependência. (MACEDO, 2004, p. 1).

No entanto, quando falamos em educação inclusiva, não estamos nos referindo simplesmente ao fato de matricular esse aluno em uma escola ou sala regular de ensino, visando apenas seu processo de socialização. Inclusão escolar vai muito, além disso, é garantir o ingresso e permanência desse aluno no ambiente escolar, aproveitado seu potencial e garantindo seu desenvolvimento.

Assim, a escola atual deve romper com as barreiras da exclusão e erguer um elo entre os alunos tidos como “normais” e os alunos com necessidades educacionais específicas, de forma a garantir o acesso e permanência ao processo de ensino e aprendizagem a todos e para todos, preparando assim a sociedade para uma melhor convivência com o diferente.

4. TDAH: COMUM OU AVANÇO DA MEDICINA

No período da antiguidade, em muitas sociedades, como no caso de Esparta, as crianças que apresentassem algum “defeito físico” ao nascer eram descartadas, mas as crianças com desatenção e hiperatividade nasciam aparentemente “normais”.

A lei das XII Tábuas (451 a.C.) cerceava o “deficiente” do direito natural à vida, dando permissão ao progenitor para extermínio do filho defeituoso, por ser este um peso para a família e a sociedade. Com isso, podemos pressupor que, quando algum indivíduo tinha dificuldades para desenvolver alguma habilidade, um indivíduo poderia ser excluído socialmente. (GRACINO; ELIZA RIBAS, 2019 p. 26).

A existência de pessoas com sinais de desatenção e hiperativas sempre existiu, constituindo-se como um grupo que apresentava alterações comportamentais inadequadas e indesejáveis.

Segundo Benczik (2000), os problemas da infância já eram relatados em grandes civilizações da antiguidade. No entanto, com o avanço da medicina muitas patologias foram descobertas e acabaram ganhando maior evidência na sociedade. Uma dessas patologias foi o TDAH. No século XX iniciou-se na Europa o estudo comportamental de crianças que apresentavam hábitos muito diferentes das demais e, portanto, inaceitáveis.

O primeiro caso do que hoje chamamos de TDAH foi registrado em 1902, pelo pediatra inglês George Still. No entanto, por ser um transtorno desconhecido, as alterações causadas no desenvolvimento das crianças estudadas por Still não podiam ser explicadas.

No mesmo ano, Still, estudou 43 crianças que apresentavam comportamento inadequado, sendo a desatenção um dos sintomas o mais graves. Em suas observações, Still constatou outros sintomas nestas crianças, tais como, excesso de atividade, malevolência, ilegalidade, desonestidade crueldade e pouca sensibilidade a punições (BARKLEY, 2008).

Still acreditava que essas crianças tinham uma espécie de retardamento mental, o que ele chamou na época de defeito de conduta moral, porém, com possibilidades de cura uma vez submetidas ao tratamento corretamente.

No entanto, hoje o TDAH é considerado como um transtorno mental, sendo um dos mais comuns na infância e na adolescência, caracterizado por desatenção, atividade motora excessiva e impulsividade. (BARKLEY, 2002:35; COUTINHO *et al*, 2007; CUNHA *et al*, 2001).

O TDAH (Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), pode ser considerado um distúrbio funcional e hereditário, pesquisas mostram diferenças significativas na estrutura e no funcionamento do cérebro de pessoas com TDAH, particularmente nas áreas do hemisfério direito, no córtex pré-frontal, gânglios da base, corpo caloso e cerebelo. (BACK, GILMARA CRISTINE, 2019, p. 04).

Atualmente pesquisas apontam que os sintomas tornam-se mais evidentes logo que a criança é inserida no ambiente escolar, uma vez que, nesse ambiente é exigido dela comportamentos que naquele momento ela é incapaz de oferecer. Para (FREITAS *et al.*, 2010).

Devido ao seu início precoce e ao seu caráter crônico, esse transtorno prejudica o desenvolvimento do indivíduo, trazendo limitações que posteriormente serão difíceis de serem superadas (Freitas *et al.*, 2010, p. 176).

Por conseguinte, não foi simplesmente o avanço da medicina que mudou a forma como vemos as crianças com TDAH, como também todo o resto, desde as mudanças sociais, culturais, econômicas e educacionais. A junção desses fatores fez o número de casos dispararem, o que gera um alerta para a sociedade em geral, uma vez que, muitas vezes não estamos preparados para lidar com tal situação.

5. O IMPORTANCIA DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TDAH

Atualmente, a maioria dos estudos sobre o assunto aponta que o desenvolvimento do TDAH se trata de uma junção de fatores, tais como fatores genéticos (internos) mais fatores externos, assim os problemas familiares também contribuem para o desenvolvimento do TDAH.

Além disso, a exposição a eventos psicológicos estressantes, como uma perturbação no equilíbrio familiar, ou outros fatores geradores de ansiedade podem agir como desencadeadores ou mantenedores dos sintomas. (Galvão; Abuchaim, 2009, p. 1).

Nesse contexto, a escola pode contribuir com o desenvolvimento das crianças diagnosticadas com TDAH, uma vez que, é no ambiente escolar, principalmente na educação infantil, primeira etapa da educação básica, que os profissionais da

educação observam o desenvolvimento cognitivo das crianças, buscando assim garantir o crescimento intelectual das mesmas.

Segundo Reis (2011):

[...] Uma vez diagnosticado o TDAH, esse aluno deve ser considerado como uma criança com necessidades educacionais especiais, pois para que tenha garantidas as mesmas oportunidades de aprender que os demais colegas de sala de aula, serão necessárias algumas adaptações visando diminuir a ocorrência dos comportamentos indesejáveis que possam prejudicar seu progresso pedagógico [...] (REIS, 2011 p.8).

Assim, no momento em que uma criança em idade estudantil é diagnosticada com TDAH, são necessárias algumas adaptações no ambiente escolar a fim de incluí-lo e garantir assim seus desenvolvimento social, cultural e educacional. Mas para que as chances de aprender sejam reais é indispensável fazer algumas adaptações na sala de aula a fim de minimizar comportamentos desagradáveis e que possam atrapalhar sua aprendizagem, tais como: sentar o aluno longe de portas e janelas, uma vez que estas chamam sua atenção e podem tirar sua concentração, sentá-lo na primeira carteira; diminuir se possível o número de alunos na sala de aula; tentar manter uma rotina diariamente, propor atividades que não sejam extensas, mesclar momentos de explicação com os exercícios práticos, utilizar estratégias atrativas, explicar detalhadamente a proposta, manter o máximo de silêncio possível, orientar a família sobre a importância do transtorno, evitar situações que provoquem a distração, tais como cortinas balançando, ventiladores, cartazes pendurados pela sala, aproveitar atividades que exijam movimentação e escolhê-lo para efetuá-las; manter os alunos sempre em lugares fixos, para garantir direito da criança com TDAH é necessário que os pais solicitem atendimento especializado para complementar o trabalho pedagógico feito na sala de aula. Todas essas estratégias são essenciais nesse processo.

A não utilização de estímulos adequados desperta a impulsividade da mente, o que faz surgir outra característica associada ao TDAH, que é a agitação mental e física. A ansiedade gerada pela falta de interesse ou motivação leva a criança à inquietude e à movimentação excessiva, o que pode tirar a atenção de seus colegas de classe. (LOPES; NASCIMENTO; BANDEIRA, 2005, MACHADO; CEZAR, 2007, p.124).

No entanto, para que se possa garantir a inclusão de crianças com TDAH é necessário uma maior preparação não só de professores, mas de todos os membros que compõem o ambiente escolar, a fim de propiciar não só o acesso, mas condições dignas de permanência na escola.

5.1 A CRIANÇA COM TDAH E A FAMÍLIA

A chegada de um filho é sem sombras de dúvidas um dos momentos mais importantes de uma família. Muitos planos e sonhos são feitos em torno do novo membro que em breve chegará. As pessoas quase nunca pensam na possibilidade de que seu filho possa desenvolver um transtorno como o TDAH, a assimilação e aceitação de tal fato demanda tempo. A família é o primeiro e principal ambiente,

pois é no seio familiar que a criança desenvolve as primeiras habilidades e aprende regras morais e éticas indispensáveis ao convívio em sociedade.

Segundo Kelman (2010, p. 38), “A família é o primeiro e provavelmente o principal grupo social em que convivemos, pois é nela que o indivíduo aprende a conquistar a individualidade e independência” Desse modo, é no seio familiar que a criança começa a ser moldada. A relação afetiva pais e filhos, além de importante é extremamente necessária para o desenvolvimento de uma criança, pois é a partir dessa relação que o mundo começará a ter significado.

Um dos grandes problemas enfrentados pelas famílias na atualidade e a falta de conhecimento a respeito do transtorno, desse modo, muitos pais buscam solucionar o problema por meio de castigos físicos, autoritarismo e até mesmo comunicação verbal com o uso de palavras de baixo calão, gerando consequências indesejadas tanto para as crianças quanto para os que estão a sua volta.

Para Mattos (2013, p. 78):

A falta de informação sobre o assunto é geralmente grande, fazendo com que o diagnóstico do TDAH seja feito mais tarde do que seria adequado, dificultando o acesso às informações e o apoio de que tanto as crianças quanto os pais precisam. (MATTOS, 2013, p. 78).

Segundo essa mesma linha de pensamento Benczik afirma que:

Muitas vezes, essas crianças são identificadas como desobedientes, preguiçosas, mal-educadas e inconvenientes. Não conseguem se adaptar adequadamente ao meio em que vivem e nem correspondem às expectativas dos adultos; por isso, o nível de estresse das pessoas que convivem com elas é sempre alto. Geralmente pais e professores sentem-se perdidos em como devem lidar com elas. (BENCZIK, 2000, p. 25).

Partindo dessa máxima, no que tange a inclusão e o desenvolvimento da criança com TDAH, união entre escola e família é indispensável. Segundo DESSEN; POLONIA, 2007.

Os laços afetivos, estruturados e consolidados tanto na escola como na família permitem que os indivíduos lidem com conflitos, aproximações e situações oriundas destes vínculos, aprendendo a resolver os problemas de maneira conjunta ou separada. (DESEN; POLONIA, 2007, p. 27).

Por conseguinte, faz-se necessário que além do tratamento médico, a família e escola devem proporcionar um ambiente amoroso, afetivo e seguro para que essa criança possa desenvolver não só suas capacidades educacionais, mas também se desenvolva socialmente, tornando-se assim o cidadão esperado pela sociedade da qual faz parte.

Segundo Bowlby:

A experiência familiar daqueles que se tornarão pessoas relativamente estáveis e autoconfiantes é caracterizada não apenas pelo apoio infalível dos pais, quando a eles se recorre, mas ainda por um estímulo gradual e constante à crescente autonomia, notando-se

ainda que os pais transmitam modelos funcionais de si próprios, da criança e de outros. (BOWLBY, 1997, p. 113).

5.2 O PROFESSOR E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TDAH

É indiscutível o papel formador da escola, é nesse ambiente que as práticas cidadãs são vivenciadas, cabendo à escola oferecer um ensino que envolva todos os alunos, de forma a atendê-los em suas especificidades. Dentro dessa diversidade de crianças, cada um com seu jeito único de ser, encontram-se alunos que apresentam características do TDAH.

As crianças com características de TDAH são inseridas no ambiente escolar, local onde devem cumprir normas e esse ponto torna os sintomas do transtorno mais visíveis. Sendo assim, a escola é o lugar ideal para a identificação dos primeiros sintomas do TDAH, uma vez que nesse ambiente a criança se destaca das demais por apresentar um comportamento diferente dos colegas. É nesse contexto que torna-se fundamental o professor, uma vez preparado, ele pode auxiliar na identificação do estudante com TDAH, é o professor, juntamente com os pais, que identificam as primeiras alterações no comportamento, na concentração e na aderência às regras que possam caracterizar TDAH.

[...] o professor é um dos primeiros a identificar o comportamento diferenciado da criança e orienta que a primeira coisa a ser feita nesses casos é chamar os pais para conversar e sugerir que busquem ajuda de um especialista. [...] assim que a criança for diagnosticada, deve ter início um acompanhamento multidisciplinar que, na opinião dele, pode contar com um terapeuta, um psiquiatra infantil ou outro médico conforme a necessidade. (RAMOS, 2009. ABDA - 2012, p.1).

O professor é muito importante no processo de evolução do aluno com TDAH, porém, se a escola não o apoia e nem fornece as condições necessárias ao cumprimento de seu objetivo, todo o esforço e trabalho serão em vão, paralisando assim o progresso educativo do discente.

Sabemos que o professor não faz o diagnóstico do TDAH, mas espera-se que ele tenha conhecimento do assunto, de forma que possa passar informações para os profissionais de saúde, visando à identificação do problema e o melhor tratamento para o caso.

Mattos (2013, p. 120) afirma que “para lidar com a criança com TDAH, o professor precisa conhecer o transtorno e saber diferenciá-lo de “má-educação”, “indolência” ou “preguiça”.

Segundo Benczik (2000, p.49)

[...] o conhecimento sobre TDAH, é o passo inicial para ajudar a criança em seu processo educacional. Quanto mais informado o professor estiver a respeito de TDAH, suas implicações e formas de manejo, maior a chance da criança conseguir um bom desempenho escolar. (BENCZIK, 2000, p.49).

O aluno com TDAH, assim como os demais, possuem seu próprio tempo de aprendizagem, no entanto, na sua grande maioria, os alunos com TDAH precisam de um tempo maior para incorporar o que foi ensinado. Assim, torna-se

indispensável a intervenção do professor. Algumas ações do professor são indispensáveis para garantir o pleno desenvolvimento das crianças com TDAH.

Uma vez diagnosticado, o professor tem condições de ajudar o aluno com TDAH sem, com isso, prejudicar a turma. Por meio de algumas estratégias, ele pode facilitar o cotidiano dessa criança na escola (FREITAS *et al.*, 2010, p. 177)

No entanto, muitos professores não estão preparados para lidar com o “diferente”. Tudo vai bem, o aprendizado flui perfeitamente, desde que as crianças tenham um comportamento conforme o esperado. O despreparo do corpo docente leva ao fracasso escolar de ambos, podendo causar danos cognitivos, emocionais e sociais, prejudicando assim o desenvolvimento das atividades educativas e dos alunos.

Pelo discurso de professores e diretores, a sensação é de que estamos diante de um sistema educacional perfeito, desde que as crianças vivam uma vida artificial, sem nenhum tipo de problemas. (...) Para a criança concreta, que vive neste mundo real, os professores parecer considerar muito difícil, se não impossível, ensinar. (COLLARES; MOYSÉS, 1996, p. 26).

Portanto, nossa sociedade mudou e essas mudanças trouxeram pontos positivos e negativos. Nossas crianças não são mais as mesmas e não vivem da mesma maneira de 10 ou 20 anos atrás. Infelizmente os professores não estão preparados para essas mudanças e para superar os desafios que ela trouxe consigo. Assim, a família funciona como uma espécie de molde, formando, juntamente com escola, cidadãos capazes de gerir seu futuro de forma crítica, responsável e sustentável.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, Para bem educar, é necessário por em prática e em sentido mais amplo o significado da palavra bondade, bem como uma pitada de firmeza. Essas virtudes são indispensáveis a qualquer criança, ainda mais se o aluno em questão for uma criança com TDAH.

E é nesse cenário de amor e direcionamento que escola e família devem trabalhar, de forma a focar no aluno com TDAH, vendo-o como aquele de mente fértil e acelerada e direcionar essas habilidades no sentido de garantir um mundo melhor, e não vê-lo como aquele que atrapalha a aula e consequentemente o desenvolvimento das atividades propostas em sala. A inclusão acontece quando “se aprende com as diferenças, e não com as igualdades” (FREIRE, 1998.p.108). “Sendo importante ainda o estabelecimento e a manutenção do vínculo escola/família. O professor deve estar em sintonia com os pais para que possam orientar e trabalhar com a criança hiperativa.” (FREITAS *et al.*, 2010, p. 178).

Desse modo, é preciso que a escola seja um lugar harmonioso no qual todos possam ouvir, serem ouvidos, respeitados, além, é claro de ser um ambiente inclusivo, mas isso só ocorrerá quando escola e família trabalharem em prol de um objetivo comum, a garantia do desenvolvimento sociocultural dos alunos, de modo a assegurar que o mesmo tornar-se-á autor de sua própria história.

É nesse cenário que entre em prática o professor, atuando como um auxiliador incansável na busca por estratégias capazes de contribuir de forma positiva nesse processo, no entanto essas estratégias devem estar ao alcance do docente, dentro da realidade em que está inserido, garantindo assim o sucesso do processo de ensino aprendizagem, ou seja, a união entre prática e teoria.

REFERÊNCIAS

- BACK, Gilmara Cristine. **Educação ambiental na educação infantil: percursos, processos e práticas evidenciadas em centros municipais de educação infantil**. Curitiba, 2021.
- BARBATO, S. (Coord.) **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar**. Brasília. Editora UnB, 2010. p. 11-53.
- BARKLEY, R. A. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade**. Porto Alegre: Artmed, 2022.
- BENCZIK, E. P. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade**. Atualização Diagnóstica e Terapêutica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- BOWLBY, J. **Formação e Rompimento dos Laços Afetivos**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes Nacionais da Educação Especial na Educação Básica**. Brasília, 2005.
- COLLARES, Cecília Azevedo Lima. MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **Preconceito no cotidiano escolar – ensino e medicalização**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- CONNERS, C. Keith. **Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade: as mais recentes estratégias de avaliação e tratamento**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- COUTINHO et al. **Disfunção executiva como uma medida de funcionalidade em adulto com TDAH**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S004720852007000500007&script=sci_arttext&lng=andothers. Acesso em: acessado em 06 abr. 2023.
- CUNHA, E. **Autismo na escolha: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. 5.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2018.
- DESSEN, Maria Auxiliadora and Polonia, Ana da Costa. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia (Ribeirão Preto), Abr 2007, v.17 no.36, p.21-32.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à pratica educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Ana Luiza; ABUCHAIM, Cláudio Moojen. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade**. ABC da Saúde: 2009. Disponível em <<http://www.abcdasaude.com.br/psiquiatria/transtorno-do-deficit-de-atencao-hiperatividade>> acessado em 6 abr. 2023.

GOMES, Márcio (Organizador). **Construindo as trilhas para a inclusão**. Coleção Educação Inclusiva Vários autores. 2.ed. Vozes: Petrópolis/RJ, 2012. p. 187
KELMAN, Celeste Azulay. **Sociedade, educação e cultura**. In: Albuquerque, D. A.

MACEDO, L. de. **Fundamentos para uma Educação Inclusiva**. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/art_fundamentos_para_educacao_inclusiva.asp>. Acesso em: 20 de set 2023.

MATTOS, Paulo. **No mundo da Lua: Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade/TDAH**. Rio de Janeiro: ABDA, 2013.

PRADO, Daniela Braga da Silva, SILVA, Maria Fernanda Ferreira. **TDAH NAS ESCOLAS**.

RAMOS, R. F. **Como ajudar o aluno com TDAH**. 2009. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-namidia/indice/25180/como-ajudar-o-aluno-com-tdah/>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

REIS, G. V. **Alunos Diagnosticados com TDAH: reflexões sobre a prática pedagógica utilizada no processo educacional**. Parnaíba. 2011. Disponível em: <http://www.uems.br/portal/biblioteca/repositorio/2011-12-15_13-12-05.pdf>. Acesso em: acessado em 6 abr. 2023.

RICTHER, B. R. O professor atento ao TDAH: A hiperatividade e indisciplina. **Revista Nova Escola**. Rio Grande do Sul. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2043/331>>. Acesso em: 26 mar. 2023.

ROHDLE, L. A. P. & BENCZIK, E. B. P. **Transtorno de atenção/hiperatividade: o que é?: Como ajudar?** Ed. Artes Médicas Sul, 1999.

SENO, M. P. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH): O que os educadores sabem?** São Paulo. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v27n84/v27n84a03.pdf>>. Acesso em: 05 mai. /2023.